



**ITALIA — ARSENAL DE VENEZA.**

O ARSENAL de Veneza, cuja fundação remonta ao anno de 1304, e que a republica, na sua quadra de gloria e prosperidade, accrescentou e embelleceu successivamente, é cingido de fortes muralhas e torres. Avalia-se em mais de duas milhas a sua circumferencia. A entrada principal do lado da terra, (representada na gravura), é per si só um magnifico monumento. O arco da porta é ornado de esculturas

executadas nos fins do 15.º seculo pelos discipulos de Sansovino; as quatro columnas de marmore, que sustentam o entablamento e o frontão, são mais antigas; por quanto se afirma que foram ali postas no anno de 1460. O leão de S. Marcos ha esta collocado por cima do arco como guarda e protector da marinha. No apice do frontão vê-se a estatua de S. Justina, esculpida por Girlando Campagna; e uma

memoria da batalha ganha pelos venezianos sobre os turcos no dia de S. Justina, em 1571; as outras estatuas, que decoram as pilastras do engradamento, a Victoria, a Sabedoria, a Força, e outras allegorias, alludem ao mesmo feito. Os quatro leões de marmore pentelico, que se observam um á direita da grade e os outros tres á esquerda, não são os menos notaveis ornamentos da apparatusa fachada. Foram trazidos da Grecia por Francisco Morosino, a quem chamavam o Peloponesiaco, em 1687. O que está no primeiro plano existia no Pyreu, celebre porto de Athenas, que tambem se chamava *porto do leão*; as duas inscripções gravadas na coma do fero animal têm exercitado, quasi que inutilmente, a sagacidade de muitos escriptores, e entre outros a de Akerblad e de Villoison, que affirmaram serem runicas, do cavalheiro Bossi e de Hancarville, que disseram serem pelasgas, e de Rink, que assevera ter podido decifrar as palavras gregas *Athéné ier león*, que traduz pelas seguintes: *Leão consagrado a Athenas*. Canova não duvidava classificar esta esculptura como obra grega: alguns archeologos opinam que ella fôra erigida no Pyreu em recordação da batalha de Marathona. O primeiro leão do outro lado foi achado na estrada do Pyreu para Athenas; a cabeça é moderna, e mal esculpida. Os outros dous leões são de execução mediocre.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XXIX.

##### *Misericordia.*

Escusado será referir como por intervenção da rainha D. Leonor, viuva de el-rei D. João II, instituiu Fr. Miguel de Contreiras, religioso da ordem da Santissima Trindade, a irmandade da misericordia em Lisboa; como el-rei D. Manuel favoreceu e ampliou em obsequio de sua irmã esta nova instituição, e como á imitação d'ella se foram successivamente erigindo outras por todo o reino. Bastará dizer que uma das primeiras foi a casa da misericordia da cidade de Evora, erecta a 7 de dezembro de 1499, entre cujos irmãos figura na cabeceira do rol o proprio rei D. Manuel, e os principes de sua familia.

E não só se alistaram n'esta nova obra de caridade os moradores da cidade; mas concorreram a ella grande numero dos de Monsaraz, Evora Monte, Montouto, S. Thiago do Escoeral, Redondo, Terena, Arrayolos e S. Pedro da Gafanhoeira. Entre os de Arrayolos apparece em primeiro lugar o secretario Affonso Garcez, como entre os de Evora appareceu el-rei D. Manuel (1).

Não soffreram porém por longo tempo os arrayolenses serem uma como colonia da misericordia de Evora; e cobrando brios de independencia almejavam opportuna occasião de se emanciparem. Deparou-lha a sua boa sorte na vinda do bacharel João Alvares, ouvidor do duque de Bragança, no anno de 1524, com a commissão, de que atraz se deu noticia, de annexar os hospitaes ás misericordias. Correm ás pousadas do ouvidor no dia 6 de abril os jui-

zes e officiaes da governança, os fidalgos, cavalleiros, escudeiros, mercadores, e officiaes, e ahí juntos declaram que considerando quanto serviço de Deus era e quão necessaria obra haver na villa confraria da misericordia, por ser logar nobre, em que a podia haver; a ordenavam e instituiam com acôrdo, auctoridade, e ajuda d'elle ouvidor; e assim com conselho e ajuda de João Garcez, seu visinho, fidalgo de que esperavam no tal acto muito adjutorio e favor (2).

Tal pressa deram á conclusão do negocio, que logo em 14 de abril trouxeram ao dito ouvidor provisão do duque, confirmatoria da nova instituição, pela qual, e pelos mais poderes que trazia, não só deu o ouvidor a nova casa da misericordia por fundada, mas logo lhe annexou o hospital, como no capitulo competente vimos.

E posto que, como igualmente se mostrou no dito capitulo, a administração do hospital se desannexasse da misericordia em 1535, comtudo esta ultima confraria continuou a servir-se do edificio do hospital para as acções do seu officio. Por meio seculo assim esteve hospedada a misericordia na casa do hospital, até que sentindo-se com forças, em accordão da meza e mais gente do povo, assentaram de levantar uma casa propria, que realmente fosse da misericordia, com suas officinas e mais pertenças necessarias; e para isso compraram as casas, que haviam sido de João Rodrigues da Monteiro, no sitio em que ainda hoje está a misericordia (3).

Ao principio eram as duas casas, hospital e misericordia, sujeitas á visitação do ordinario em todos os pontos de sua administração. Depois a auctoridade civil disputou á ecclesiastica a plenitude d'esta jurisdicção; mas em juizo contradictorio assim da legacia, como da corôa, foi definido pertencer ao ordinario a visitação do hospital (4). No seculo passado não só foi disputada, mas até cerceada a jurisdicção episcopal, de sorte que quando o arcebispo, ou seus visitadores entram agora por visitação n'estas casas, só podem entender no que toca á decencia do culto.

A pobreza do cartorio d'esta casa me não permite dar seguida noticia d'ella pela successão dos tempos. Limitar-me-hei pois a apontar avulsamente alguns factos, que constam d'esses poucos documentos que escaparam á negligencia de nossos maiores.

E seja o primeiro um facto relativo á constituição da casa. Sobre um principio eminentemente justo e liberal na sua essencia, posto que reputado iniquo e tyrannico por quem facilmente se deixa levar de meras apparencias, se fundou a constituição das misericordias. Foi este principio a obrigada distincção dos irmãos em duas classes ou condições, a dos nobres, e a dos officiaes ou mechanicos. Viram os homens d'aquellas eras aristocraticas que sem esta separação caíriam os bens das misericordias só nas mãos dos ricos e poderosos, e seriam logo esbulhados da sua administração e beneficios os pobres e desvali-

(2) Documento no cartorio da misericordia de Arrayolos.

(3) Tombo da mesma misericordia, feito em 1725, fl. 11 e 12.

(4) Consta da visitação de 1692 no livro das visitações da matriz a fl. 97 v. N'este logar cita o visitador as folhas 50 do mesmo livro, onde creio que estava registada a sentença alludida; mas a dita folha e as seguintes até 57 foram arrancadas do livro, sem duvida por mão interessada em occultar a sentença.

(1) Livro 1.<sup>o</sup> dos irmãos da misericordia de Evora.

dos. E digno é na verdade de admiração o artificio, com que nos compromissos se soube equilibrar as forças das duas classes, e as precauções, que se tomaram para evitar o predomínio de uma sobre a outra. Todavia, como era natural, os da classe inferior tendiam sempre a transitar para a superior todas as vezes que para isso pudessem invocar algum plausível pretexto. Ora o logar de procurador do concelho, isto é, do representante da classe media ou burguezia na governança municipal, collocava a pessoa que o occupava em tal situação, que se não participava completamente da nobreza dos vereadores ficava comtudo muito acima da classe plebêa, representada na camara pelos procuradores dos mesteres. Nas terras de mediano lote, como Arrayolos, não era raro acontecer que escaceando homens idoneos da classe media, fosse elevado á cathedra de procurador do concelho algum official mechanico mais abastado, e de melhor nota. D'aqui a pretensão de ser equiparado aos nobres entre os irmãos da misericordia, como o era entre os membros da camara; pretensão que no meado do seculo 17.<sup>o</sup> se acha tolerada e admittida pelas mezas (1).

Esta corruptella, que ao principio não foi por certo mais do que homenagem rendida ao merito, deu a final occasião a queixumes da parte dos que julgavam maculado o lustre da aristocracia da terra com a mescla de gente inferior. Litigou-se o caso nos tribunales, e por provisão do desembargo do paço de 23 de agosto de 1702 foi decidido que d'ahi em diante não tivesse logar de nobreza na misericordia official algum mechanico, ainda que fosse procurador do concelho (2).

Seja o segundo facto uma questão de etiqueta. Entendia a meza da misericordia que assistindo ella aos actos publicos na sua igreja, se lhe faltava ao decoro tomando alguém ali assento, mormente se fosse diante da bancada ou *caixão* da mesma meza. Esgotados todos os recursos mais ou menos amigaveis para reduzir as cousas á boa e orthodoxa disciplina, recorreu a meza ao arcebispo, que armado da espada de dous gumes, espirital e temporal, decretou por sua pastoral, que em virtude da santa obediencia, e com pena de excommunhão maior, ipso facto incurranda, e das mais que de direito a elle arcebispo parecessem, nenhuma pessoa de qualquer qualidade que fosse puzesse assento algum diante do *caixão* da irmandade; e que nem no corpo da igreja se poderia pôr cadeira nem tamborete; e sómente na capella-mór se poderiam sentar nos bancos pertencentes á igreja. E porque esta pastoral não produziu o desejado effeito, requereu novamente a meza ao arcebispo que lh'a renovasse, ao que elle deferiu por outra pastoral de 20 de março de 1680 (3).

Seja o terceiro facto a tibieza do zêlo da maior parte dos irmãos nas acções do culto. Segundo o espirito de sua fundação tem a misericordia por fim não menos a beneficencia para com os homens, do que o culto para com Deus. Mas o zêlo dos irmãos foi afrouxando n'esta segunda parte de suas obrigações, ainda mesmo n'aquelles memoraveis tempos, em que todo Portugal fervia em festas e sermões, terços e novenas, autos de fé e exercicios de Santo Ignacio. E talvez que esta mesma multiplicidade de devotas occupaões distrahissem os irmãos das que eram da particular competencia da misericordia.

A meza, vendo-se assim abandonada nas acções publicas do culto, recorreu ao prelado diocesano, que em successivas pastoraes cominou a pena de excommunhão maior, ipso facto incurranda, a todo o irmão que não acudisse pessoalmente á procissão da noute de quinta feira de endoenças, e ás mais solemnidades e funcções, a que eram obrigados pelo compromisso. Mas a mesma repetição das pastoraes prova a inefficacia do meio, e a continuação do abuso. D'estas pastoraes apenas apontarei uma para exemplo passada em 20 de março de 1703 (4). Não é menos abonador do zêlo da meza, na sustentação do culto, o testemunho do visitador na visitação de 24 de maio do mesmo anno de 1703, dizendo: «Na casa da misericordia achei uma pobreza rica, porque sendo pobre a dita casa, assim tratam os irmãos as cousas da igreja, como se tivesse uma opulenta fabrica (5).»

Seja o quarto facto o legado de Macau. — Matheus da Silva, natural de Arrayolos, morreu em Macau, senhor de grossos cabedades. Mandou que fossem annualmente repartidos por seus parentes os redditos d'estes cabedades, de cuja repartição fez medianeira e juiza a misericordia, consignando-lhe dous por cento das quantias repartidas. Os parentes litigaram com a misericordia sobre o direito de administração do legado; mas por sentença da relação foi confirmada á casa a dita administração.

O primeiro anno de repartição foi o de 1652, e se repartiram em 19 de julho 830\$000 réis.

Em 1653 fez a misericordia repartição de réis 2:099\$000 tirando os custos, que se fizeram na cobrança.

Em 1654 2:280\$850 réis em junho.

Em 1655 viu-se pela carta da misericordia de Lisboa renderem os diamantes, que vieram o anno de 1654, forros de custos, 398\$200 réis.

Em 1657, 28 de maio, viu-se por carta da misericordia de Lisboa render um bissalho de diamantes da India, forros de direitos, 531\$016 réis.

Idem, 9 de junho, veiu uma letra de Goa carregada ao D. Prior de Aviz D. João Sotto-Maior, de 600\$000 réis.

1658, o almiscar, que se vendeu por ordem da misericordia de Lisboa, montou a 484\$050 réis.

1661, 22 de janeiro, 700\$000 réis.

1664, 25 de março, 500\$000 réis.

1665, janeiro, 940\$000 réis de uma letra vinda de Goa. Tambem veiu de Goa o bissalho de diamantes, que se não arrematou, por não chegarem ás valias.

1666, 14 de novembro. De dous bissalhos de diamantes, o do anno passado, e d'este, se cobraram 2:250\$105 réis (6).

D'este anno por diante nada mais consta sobre tal legado.

No edificio da misericordia nada ha digno de menção além da igreja, que é grande, de boa fabrica, e bem ornada de azulejo do seculo 18.<sup>o</sup> representando grandes paineis das obras de misericordia. A talha do retabulo do altar-mór foi feita por Sebastião de Abreu, insigne mestre de Evora, no ultimo quartel do seculo passado, que a levou até á cimalha real. Depois adoecendo Abreu foi concluida da cimalha para cima por José Rosado, tambem de Evora. Passados annos o mesmo José Rosado fez

(1) Livro em que se assentam os irmãos na mesma misericordia, fl. 21.

(2) Livro dito fl. 1.

(3) Livro dito fl. 2.

(4) Livro dito *in fine*.

(5) Livro das visitações da matriz a fl. 106.

(6) Consta tudo de um livro especial no cartorio da mesma misericordia.

o forro de madeira entalhada do grande arco da capella-mór. As sacadas das tribunas da mesma capella-mór, e as grades d'ella foram feitas por Antonio Gomes e Antonio Barreiros, carpinteiros de Arrayolos, pelo risco que deu um pintor de Lisboa, que veio pintar e dourar a dita capella-mór, e tecto da igreja. O guarda-vento é mais moderno, e feito em tempo do provedor João Boto de Aguiar. O retabulo do altar-mór tem um painel da Visitação.

A antiga capella-mór era logo á face do cruzeiro. Entravam no seu retabulo além do painel antecedente os dous do Nascimento e Circumcisão, hoje no cruzeiro, e a Senhora da Piedade e a Mãe dos Pecadores, que estão na sacristia, todos em madeira, de mediocre merecimento.

Ha n'esta igreja varias campas com epitaphios; e possuíam ali jazigos as familias de Azevedos, Almeidas, Mexias e Santiagos.

Sobre a porta principal na parte exterior está a seguinte inscripção:

DES MEI		TRANSIE
×	DEIPARAE VIRGINI	×
	MISERICORDIARVM	RVET.
	(QVE)	
	QB REGINAE D.	

J. H. DA CUNHA RIVARA.

### POESIA.

#### FRAGMENTO.

PURA estrella vivida  
Eu vivo inda por ti,  
Vem formosa e languida  
Como outr'ora te vi.

Sobre meus olhos avidos  
Derrama o teu fulgor.  
Por ti minha alma timida  
Sinto innundar d'amor.

Oh! minha luz, meu idolo,  
Rompendo a escuridão  
Conduz teu brilho mystico  
A' minha solidão.

Faz no meu peito gelido  
A esp'rança renascer;  
Sem ti não tenho animo,  
Sem ti vou-me perder.

Ouves clamando horrida  
A voz do furacão?  
Róla do céu nos terminos  
O echo do trovão!

E a lua cinge tremula  
De nuvens denso véu.  
Nem uma estrella pallida  
Brilha no escuro céu.

Ferve o oceano indomito  
Do raio á breve luz.  
E o marinheiro intrepido  
Soluça, implora á cruz!

Na antena a onda pavida  
Rebenta, sobe ao laes!

Mergulham-se no pelago  
Enxarcias e brandaes!

Do mar as serras tumidas,  
Umas sobre outras vêem...  
Em vão a esp'rança timida  
Se vê raiar além.

Além o porto, a patria,  
Aonde estão os seus!...  
A quem vertendo lagrimas  
Ha muito disse: adeus.

Além socego prospero;  
A mãe, a amante, o amor!...  
Oh! como em breve o jubilo  
Se vae tornar em dôr!

Cresce a procella no impeto;  
E aos echos do trovão,  
Sibila o raio fulgido,  
E fende a mastreação.

Ao golpe duro e rigido  
O arvoredado tremeu;  
E com horrendo estrepito  
Na tolda se abateu!

Na rota prôa, turbido,  
Bramindo o mar entrou;  
E um turbilhão de victimas  
Comsigo arrebatou!

Salta, rebenta, e servido  
Faz o casco estalar,  
Depois no abysmo tetrico  
Sumir-se e não voltar.

Soon um brado ultimo  
D'angustia e d'afflicção,  
Cobrindo ao mar o fremito,  
E a voz ao furacão!

Depois sinistra e lugubre,  
Triste a manhã rompeu.  
No céu nublado e humido  
O sol não appareceu.

E lá na costa gellida  
Que dôr, que angustia vae!  
Chora a donzella timida,  
Irmão, amante, ou pae!

O nauta ao porto proximo,  
A terra não tocou;  
Que a sua luz fatidica  
Primeiro se apagou.

Eu tambem n'este golgotha  
Onde vivo a soffrer;  
A minha estrella vivida  
Verei desapparecer?

Primeiro que a luz purpurea  
Da aurora que sonhei  
Me faça ver o idolo  
Que nunca reneguei?

Oh! minha estrella provida,  
Conduz-me até ao fim!  
E sempre tua luz candida  
Brilhe só para mim!

Oh guia-me bem rapido  
Ao porto que sonhei!  
Porque só a ti, credulo,  
A esp'rança confiei!

E tu, estrella mystica,  
Não me has de abandonar;  
Ao som das aguas, misero,  
Perdido no alto mar.

Porque tu és o vinculo  
Com que me prende o amor;  
E o teu brilho é balsamo  
Que abranda a minha dôr!

Não te offusques timida  
Por um mortal te amar;  
Se és um anjo, salva-me,  
Se és luz vem-me guiar.

Mas se teu brilho é perfido  
E tem de se offuscar;  
Em tua ardente orbita,  
Oh! deixa-me abraçar.

Seja teu fogo o thalamo  
Que agora me seduz.  
E tuas cinzas meu tumulo,  
Depois de extincta a luz...

F. GOMES D'AMORIM.



ETEOCLO E POLYNICE.

POLYNICE, ferido mortalmente por seu irmão, e derrubado sobre um joelho, fere Eteoclo no ventre com a espada, da qual apenas na esculptura se vê o punho. De cada lado está uma furia alada, com um facho na mão, incitando os dous irmãos um contra outro.

Este bem conhecido episodio da fabula acha-se reproduzido em diferentes cippos e vasos etruscos, com pouca differença na composição e nos accessorios.

O que a estampa representa foi copiado do atlas da *Viagem ao meio dia* por mr. Millin. O original existe no gabinete de mr. S. Vincent, em Aix, França.

EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL  
AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
comme moi les archives du passé au  
milieu des ruines du présent.

CHATEAUBRIAND. ETUD. HIST.

DEPOIS de mostrar o magnifico quadro das principais figuras do grande theatro, onde junto a um dos

papas mais bafejados da sabedoria, ia ser representado o monarcha mais mimoso da fortuna, porei á vista a abastança de entendimentos de prima esphera, fructificados em bom saber, entre os quaes aquelle principe extraordinario, a quem davam olhos as luzes, que dão nos olhos a tantos, com muito discernimento escolheu os homens que, em missão tão solemne, e que demandava tamanho cabedal de conhecimentos e partes, haviam de ser representantes da corôa; desmentindo elle com esta, e outras acções verdadeiramente reaes o grosseiro engano, em que caíram os que tendo-o em conta d'um d'estes jogadores, a quem a sorte por antojo e capricho favorece, o confundem com muitas e mais que muitas pessoas que ha n'este mundo que não sabem ser o que são, e das quaes pode dizer-se que a fortuna, deixando de ser cega, depois de lhes dar o que lhes deu, se arrependeria do que lhes tinha dado.

Muito antes do aureo seculo dos Medicis, e desde fins do seculo 13.<sup>o</sup>, raiou, n'este rosto ou cabo do occidente, a aurora da bella idade das letras, das sciencias e das artes, concurso de progressos poucas vezes visto, e de que são testemunhas contestes a tradição oral, e a escripta em tantos monumentos litterarios nacionaes e estrangeiros, e as nossas chronicas de pedra, mais maculadas com as nodoas dos obrei-

ros modernos do que com as injurias do tempo. A epocha chamada da *renascença*, verdadeira regeneração, que na Italia e em França começou quando acabava o imperio do oriente, e que para nós data do reinado do *Principe de Boa Memoria* que firmou a nossa independencia, este clarão, que por toda a parte foi desfazendo as trevas, e os descobrimentos, que, graças a elle, os portuguezes fizeram, de novas terras e mares, foram logo, e de tal modo, alterando o systema das nações mais ou menos civilizadas que pode dizer-se que mudaram a face do mundo. Usos, costumes, industria, politica, tudo se transfigura ou vae transformar-se juntamente por effeito de uma tão maravilhosa renovação ou reforma ditada, como tudo o que geralmente agrada e tem ser estavel, pela razão, e não pela paixão, e que marcou uma nova era, separando os tempos antigos dos modernos. Tinha aquelle monarca de altos espiritos, que, com seu favor, accendeu os animos dos sabios da nação, e que pela grande fama que deu ao nome portuguez, levado até aos confins da terra por Dias, Gama, Cabral, Corte Real, Almeida, Albuquerque e Cunha, chamou tambem a attenção da Europa sobre as conquistas e descobertas intellectuaes dos nossos homens scientificos e litteratos, alguns dos quaes, como Estação, Rezende, Cornejo, Teive, e os Gouveas, Barbosas e outros muitos varões de genio não tardaram em ser convidados a ler nas mais celebres universidades, que alguns d'elles governaram; tinha, digo, aquelle rei, dentro do seu paço, uma copia de pessoas abalizadas que successivamente se foi augmentando, e nos fins do seu reinado presentava, em redor d'elle e de seus lindos e lidos filhos de ambos os sexos, um D. João de Menezes, conde de Tarouca e mordomo mór, um D. João Manuel, camareiro-mór, um Pedro Homem, estribeiro-mór, um Manuel de Goyos, porteiro-mór, um Francisco da Silveira coudel-mór, um João Fogaga, vedor, todos muito mais illustres pelos seus talentos do que pelas suas prosapias, os doutos mestres Antonio Pinheiro, Lourenço de Caceres, Ayres Barbosa, Thomé Correia, e Pedro Margalho; bruhando conjuntamente n'esta luzida academia aulica a famosa Luiza Sigea, que escrevia em latim, grego, hebraico, syriaco e arabe, D. Joanna Vaz, perita nas mesmas linguas antigas, D. Publica Hortencia de Castro, e D. Paula, filha do nosso Gil Vicente, moça da çamara da princeza D. Maria. Fora da morada real, mas dentro da cõrte, viviam um Duarte Galvão, um D. Fernando d'Almeida, depois bispo de Ceuta, um D. Fernando Coutinho, mais tarde bispo de Lamego e de Sylves, um D. Miguel da Silva, que com o tempo veiu a ser cardeal, todos quatro mui versados nas sciencias, e que haviam sido embaixadores em Roma; havia um João de Silveira e um Rui de Sande, tambem grandes letrados, e que tinham representado el-rei em Castella. No conselho onde se tratavam os negocios politicos e administrativos achava-se D. Diogo da Silva de Menezes, conde de Portalegre e escrivão da puridade, estadista que prestara não menos valiosos serviços n'aquelle reino, D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, vedor da fazenda, e Pedro d'Alcagova Carneiro, conde das Idanhas, secretario d'estado e successor de ambos. A magistratura sempre esclarecida em Portugal, e á frente da qual se achava Rui Botto, que escreveu o 1.º e 2.º livro das ordenações do reino, e de quem se podia dizer, como Cicero, que era a lei *fallando*, estava áquelle tempo, em que tantos jurisconsultos estranhos vacillavam e fluctuavam nos marulhos de tantos e tão desvastrados interpretes do direito romano, abrilhantada por João Rodrigues de Sá, antigo orador junto a

Alexandre VI, D. Pedro, bispo da Guarda e D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, distinctos desembargadores do paço, D. Pedro de Menezes, Luiz Teixeira Lobo, Manuel da Costa, Miguel Cabedo de Vasconcellos, Diogo Pacheco, e João de Faria, que aos seus vastos e profundos conhecimentos juridicos uniam o predicado de eloquentes escriptores latinos. A advocacia, profissão nobre, que seguiram muitas pessoas das primeiras familias, e que tambem sempre floreceu em Portugal, contava entre outros grandes jurisconsultos e eloquentes escriptores, Ayres Pinhel, e Bartholomeu Philippe que até teve de extraordinario o viver 110 annos. No culto das musas latinas rutilavam os prestantes engenhos de André de Rezende, Diogo, e Balthazar de Teive, Jeronimo Cardozo, Lourenço de Caceres, D. Belchior Belliago, André Cotrim, Diogo Pereira, Antonio Lopes, Ignacio de Moraes e Simão de Crasto. Na poesia portugueza, de que tinha o superiorato o nosso insigne Francisco de Sá e Miranda, que d'esta foi o verdadeiro pae, introduzindo n'ella, com a sã philosophia, que tanto o realçou, os sonoros metros italianos, e as graças e cadencia de Dante e Petrarca, distinguiram-se Diogo Brandão, Fernando da Silveira, D. Gonçalo Coutinho, Rui de Albergaria da Costa, D. João Manuel, o conde de Tarouca, o conde de Vimioso, e Pedro Homem, dos quaes já fallei, o conde de Sortelha, D. Antonia de Roxas, e tantos outros poetas cujas produções originaes foram collegidas por Garcia de Rezende. A musa da historia inspirava a João de Barros, que ao depois foi mestre da lingua portugueza, e homem verdadeiramente sabio, Danião de Goes, Garcia de Rezende, Duarte Galvão, Fernão Lopes de Castanheda, Rui de Pina, Christovão Rodrigues Azinheiro, o padre Francisco Alvares, e Fernando de Novaes, a escreverem os grandes feitos d'aquelle tempo glorioso: e nas sciencias physicas e mathematicas, tinha a nossa patria no egregio Pedro Nunes o melhor annotador á mechanica de Aristoteles, e ás theorias de Ptolomeu, Sacro Bosco, e Purbachio, e o primeiro mestre que nos tempos modernos teve a arte de navegar, assim como o entendimento perspicaz do grande doutor Antonio Luiz, lente de medicina e de philosophia da universidade, dava a Portugal muita honra, e fazia ao mundo scientifico uma mui importante revelação, expendendo no seu tratado: *De occultis proprietatibus*, a doutrina, que até ali ninguem tinha ensinado da *attracção*, que mais de um seculo depois havia de ser perfilhada, aplanada e provada, por Newton, como eu, com alguma usania, tive o gosto de observar e provar n'uma academia estrangeira que n'aquelle facto, ignorado talvez ainda por muita gente nossa, estava inteiramente nova.

Quando da baixa fortuna em que hoje, e já ha muito tempo, se acha o nosso paiz algo o pensamento ao reinado de que fallo, e em que elle chegou ao auge da sua grandeza, e se viu illustrado por todo o genero de talentos, lembra-me que, quando no tenebroso dia 29 de novembro de 1807, ao sair com meu pae da praça de Belem, onde tinhamos assistido ao embarque de tres gerações de reis, encontramos o nosso tão nacional e tão popular poeta Nicolau Tolentino de Almeida succumbido ás desgraças da patria, como Camões depois da perda d'el-rei D. Sebastião nos campos d'África, apontando-lhe um de nós para o mosteiro de Belém, para fazer diversão ao seu animo sobrecarregado de tristeza e dôr, olhou elle para o magestoso edificio, e, voltando-se depois para nós, disse-nos: é o *paraizo* visto do inferno.

Foi da compridissima e luzidissima fileira dos homens de maior calibre e de sabios e litteratos,

tão benemeritos da nação e da lingua portugueza, cujos nomes mencionei, não porque fossem os unicos, mas por serem os melhores, que el-rei D. Manuel, estando nos paços d'Almeirim (onde, para se dar ao exercicio da caça, costumava passar o fim de outono e o principio do inverno), tirou as pessoas que haviam compôr a sua embaixada a Leão X; e, proporcionando, na acertada escolha que fez (nas intimas recamaras d'aquella casa de campo, onde um de seus filhos, mais apto para a corôa de sacerdote que para a corôa de rei, commetteu mais de sessenta annos depois a fortuna de Portugal aos leões de Hespanha), os meios com os fins, e os instrumentos com os meios, nomeou para chefe d'aquella tão saborida missão Tristão da Cunha, um dos mais famosos capitães cujo valor tinha luzido na India com tanto emolumento da patria, e não menos recommendavel pela clareza do seu entendimento do que pela sua veraz probidade, dando-lhe el-rei, como assessores, n'uma commissão para que se requeriam conhecimentos especiaes em sciencias positivas, e no manejo dos negocios, os desembargadores da casa da supplicação Diogo Pacheco, tão grande jurisconsulto, como humanista e orador consummado, não menos distincto pela sua urbanidade, e João de Faria, magistrado de alto conselho, versadissimo na jurisprudencia civil e canonica, e que não crendo em utopias, que só se acham nos livros, e que é o vicio em que costumam fraquear os doutos, passava por uma das melhores cabeças de Portugal; indo por secretario d'embaixada o illustre Garcia de Rezende, homem de grande tomo e saber, além do merito que tinha como historiador e como litterato. Não se podiam achar pessoas mais sufficientes para estes empregos. Escolher os homens para os logares e as occasiões para os intentos é o mais verdadeiro toque do entendimento, e o primor e apice da sagacidade de um rei. Aqui paro, ou aqui reparo no erro que commetti suppondo que as escolhas das pessoas para os empregos são ainda hoje feitas pelos principes, esquecendo-me da maxima tão proclamada: *o rei reina, mas não governa*, falsa parodia do dito de Zamoisky a Sigismundo III de Polonia: *regna sed non impera*, o que o meu fraco entendimento chega a perceber; em quanto que aquella imitação, que desordena o verdadeiro sentido da phrase do membro da dieta de Cracovia, tomada pelo que são, mais me parece uma illusão, do que uma illação dos principios do governo representativo. O que em todo o caso não padece duvida é que aquella amostra, que el-rei D. Manuel mandou para Roma, dos portuguezes do tempo glorioso em que este reino dava exemplos sublimes, e causava invejas ás mais poderosas nações do occidente, não contribuiu pouco para o bom exito da negociação mais importante para Portugal, de que ella foi incumbida.

(Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

#### AS CALDAS DE VIZELLA NO MINHO.

São estas caldas... as mais nomeadas d'esta provincia; e ainda que se chamam de Guimarães, não estão visinhas a esta villa, mas uma legua distantes...

J. REIS, REFLEX. EXPERIM. CAP. 13.º

I.

D'ENTRE as muitas aguas sulphurosas com que a Providencia enriqueceu o nosso Portugal, são hoje

as mais afamadas, e as mais proficuas ainda, as antigas caldas de Vizella, no concelho de Guimarães, e para o sul d'esta recentissima cidade.

A concorrência annual de enfermos, (desde 15 de maio a 15 de outubro) que na estação propria ali vão procurar a saude e a vida, foi sempre mui numerosa, e vai crescendo de um anno para outro.

Além dos seus muitos banhos e das suas diversas bicas de aguas mineraes, de que se faz extenso uso interno, ha n'estas caldas famigeradas diversas casinholas para emborçações, e piscinas ou tanques para a extracção do lodo, de que se colhem incontestaveis vantagens no tratamento dos engorgitamentos das glandulas, procedidos de origem escrophulosa, e de contusões ou distorções.

As nascentes sulphureas estendem-se por ambas as margens do rio Vizella, que vai desaguar no Ave d'ahi a uma legua, pouco depois de ter banhado as officinas da magnifica fabrica de fiacção de algodão, que toma o nome do mesmo rio. Os diversos locais dos banhos distinguem-se pela denominação de Banhos da Lameira e Banho de Velmenso, na freguezia de S. Miguel das Caldas, e de Banhos do Medico e Banhos do Mourisco, na freguezia de S. João das Caldas, conhecida em outro tempo (e ainda quando o padre Carvalho escreveu a sua Chorographia) pelo nome de S. Jorge de Gominhões.

As suas aguas medicinaes são limpidas e transparentes, um pouco fumantes, no inverno principalmente, e depositam uma materia crassa e alvacenta, a que na sciencia se dá o nome de *clarina* ou *baregina*, e tambem os de *zoogenia* e *theiothermina*. Têm cheiro e sabor sulphuroso, ou como de ovos chocos (circunstancia que se nota geralmente nas aguas da sua especie) e produzem uma impressão tactil sensivelmente unctuosa e macia. A sua temperatura especial, essa prestantissima qualidade physica das aguas medicinaes, é tão rica e tão excelente n'estas de Vizella, que varia entre 76 e 142 graus de Fahrenheit, os quaes equivalem a 19º, 56 e 48º, 89 de Réaumur, a 24º, 44 e 61º, 11 do thermometro centigrado, e a 113º, 33 e 58º, 33 do de Delisle. Esta variação de temperaturas porém tem logar por tão pequenas differenças graduaes nas diversas piscinas ou tanques, que de dous em dous, ou de quatro em quatro graus thermometricos, se depara com a desejada calorificação.

No logar da Lameira, que é o principal dos banhos, e o mais abastecido de casas de alojamento, e de mercado publico, começou-se a construcção do actual estabelecimento thermal no anno de 1785; mas as casas de banhos eram então cobertas de colmo. Em 1787 havia-as já feitas de madeira, e só em 1797 é que, pela primeira vez, se construíram de alvenaria.

Foi todavia em 1814 que se olhou com mais desvellada attenção para as aguas medicinaes das Caldas. A maior parte das edificações que ali se encontram datam d'esse tempo, e então tambem se plantou uma extensa e formosa alameda, e se erigiu a fonte ou bica medicinal da Lameira, coroada por um bello obelisco.

Havia-se destinado fazer gravar uma inscripção commemorativa d'estas obras thermaes em uma das faces do obelisco, sobre a qual se collocaram apenas depois umas armas reaes de madeira, já hoje quasi totalmente arruinadas. D'aquella inscripção lapidar nos conservou a memoria o profundo João Pedro Ribeiro nas suas *Reflexões historicas*, e é a seguinte:

OB EUROPAE RESTITUTAM PACEM,  
DESIDERATISSIMI PRINCIPIS REGENTIS

OB REDDITUM EXPECTATUM,  
AQUAEDUCTI, FONTIS, HORTI  
LINEAMENTA INSTAURATA,  
CURANTE PROVINCIAE QUAESTORE  
PIARUMQUE CAUSARUM PROVISORE  
FRANCISCO BARROSO PEREIRA  
A. D. MDCCCXIV.

Eis a traducção d'esta inscripção segundo o referido João Pedro Ribeiro:

«Entre os jubilos da nação portugueza pela liberdade da Europa, e mais proximas esperanças de gozar a presença do suspirado principe regente; se delineou e executou em beneficio publico a obra d'esta fonte, passeio, aqueducto, e melhoramento de banhos, sendo provedor da comarca Francisco Barroso Pereira. 1814.»

## II.

Os inuitos fragmentos que se têm encontrado nas Caldas de Vizella de tijollos, pedras lavradas, troços de columnas e argamassas romanas são testemunho de que aos romanos se deve a primitiva edificação das suas piscinas; e algumas d'ellas se acham ainda cobertas de finissimo mosaico com que as haviam então adornado; sendo muito para sentir que se tenha consentido em que as pedrinhas solidamente embutidas nos tanques sejam arrancadas á força de martello, e levadas d'ali por quem talvez não lhes saiba dar a devida estimação.

A julgar por uma lapide romana de que primeiro fallou Brito na *Monarchia Lusitana*, (e que o erudito Mascarenhas Neto transcreveu, com outras inscripções que achára em Vizella, nas *Memorias de litteratura da academia real das sciencias*) pode haver-se por sem duvida que estas Caldas tiveram a sua origem nos tempos de Domiciano (filho de Vespasiano, e irmão de Tito, a quem succedera) undecimo entre os imperadores de Roma. É uma inscripção dicatoria, em que se menciona Tito Flavio Archelau Claudiano (legado na Lusitania, entre os annos 81 a 90 depois do nascimento de Christo) como aquelle por ordem de quem se fizeram construir essas obras memoraveis a que a lapide se refere, e que sem duvida haviam de ser dignas do povo-rei, e de se poderem collocar a par das thermas de um Nero, de um Tito, de um Domiciano mesmo, de um Caracalla, de um Antonino e de um Diocleciano, com as quaes se enobrecia a capital do mundo!

N'esta inscripção truncada, e que por sua disposição parece haver sido destinada para cimalha de portada ou de columnata, apenas se pode ler a simples nota subsequente da *dedicação do legado*:

DEDICANTI. T. FLAVIUS. ARCHELAUS. CLAUDIANUS.  
LEG. AUG.

Facil é de explicar a falta do nome de Domiciano nas pedras inscripçionaes, pela execração em que os romanos tiveram até o nome d'este imperador, que todos julgariam da raça de Nero. A seguinte passagem da *Historia de Hespanha*, de Romey, explica-nos plausivelmente a razão de semelhante lacuna.

«Domiciano acabou como ordinariamente perecem os tyrannos; a sua morte julgou-se uma fortuna universal. O senado decretou que esse nome aborrecido fosse apagado dos monumentos publicos em todo o imperio. Ha um historiador, que duvida ter sido este decreto applicado á Hespanha: é com effeito possível, que o nome de Domiciano não desaparecesse

de todas as inscripções, ali gravadas, em quanto elle reinou; porém o que não padece duvida é que foi cortado da maior parte. E para se convencerem d'esta verdade, basta ler as obras dos archeologos hespanhoes, onde se encontram muitas inscripções, tendo o nome do irmão de Tito riscado. Na pedra dicatoria d'uma ponte sobre o Tamega (em *Aguas Flavias*, na Galliza, hoje Chaves, em Portugal) e que foi construida no reinado de Vespasiano e de seus dous filhos, percebe-se a lacuna onde estava o nome de Domiciano, ao lado do de seu pae e de seu irmão.»

J. J. DA SILVA PEREIRA CALDAS.

## OS REIS DE FRANÇA E OS TRIBUTOS.

SEMPRE os reis de França gravaram de tantos tributos seus sujeitos, e sempre elles o consentiram de sorte que já dizia o imperador Maximiliano I, que el-rei de França era rei de asnos, que se deixavam carregar de quanto queria quem os governava, faltando-lhes aos francezes o instincto de camellos, que ainda que se põem de joelhos para serem carregados, tanto que com tal submissão recebem a carga com que podem, se levantam não soffrendo nem uma libra mais do que se atrevem a levar; d'onde os principes deviam tirar documentos para bem governar a carga dos tributos, como faziam os reis de Hespanha, que eram reis de homens, e não podiam fazer os de Inglaterra por serem reis de diabos. O intento porém de gravar Luiz XIV com tanto excesso os vassallos não tinha só fundamento na cobiça, mas na politica de abater com a pobreza o natural orgulho dos francezes; doutrina que diziam lhe imprimira em seus primeiros annos o cardeal Mazarino, e que se tem alguma probabilidade em França, não deve estender-se a outras monarchias, que a prudencial politica julga poderosas quando os vassallos são ricos; pois nunca então podem ser pobres seus principes, a quem nas occasiões offerecem, principalmente os portuguezes, tudo o que possuem, de que parecem sómente depositarios para as occorrencias importantes do estado, e aonde o clima menos vario não costuma crear animos inconstantes e sediciosos, que buscando novidades excitam guerras domesticas, de que nossos avós viram longos annos opprimida a França.

SALVADOR TABORDA PORTUGAL (*Mem. incl.*)

## VOLUME DOS PLANETAS.

SETE grandes planetas giram com a terra em torno do sol. A seguinte tabella indica o volume de diferentes planetas tomando por unidade o da Terra.

Mercúrio . . . . .	0,060
Venus . . . . .	0,957
Terra . . . . .	1,000
Marte . . . . .	0,140
Jupiter . . . . .	1414,2
Saturno . . . . .	734,8
Urano . . . . .	82,0
Neptung . . . . .	111,0
Sol . . . . .	1407124
Pallas . . . . .	0,017
Ceres . . . . .	0,008
Juno . . . . .	0,005